e que celebridade! Contudo, o mal existe desde os pequenos lugarejos até aos maiores centros mundiais.

O dr. George Drew Egbert, Presidente da Sociedade Preventiva do Crime, nos Estados Unidos da América do Norte, publicou há pouco tempo, em panfleto, um estudo de alto valor, intitulado "O Jogo! Que sabemos dele?". Nesse estudo o ilustre escritor mostra a tolice, o dano e o grande perigo do jogo. Com a devida licença do autor transcrevemos abaixo alguns tópicos do referido panfleto:

"O jogo não é uma indulgência moderna.

Homero, em sua 'Ilíada', escrita há quasi três mil anos, conta a história de um assassinato cometido por um rapazinho em consequência de um jogo com dados.

Tácito, em sua 'Germânia', escreveu há dois mil anos, a respeito de jogadores que punham tudo o que possuiam numa última cartada e, finalmente, havendo perdido, eram entregues aos escravistas em pagamento de suas dívidas.

A narrativa bíblica conta como Jonas perdeu na sorte que lançaram sobre sua vida e foi atirado ao mar, mas sobreviveu.

Os dados foram inventados pelos chineses antes do período Persa, introduzidos na Pérsia pelos chineses e deste país passaram à Grécia e à Roma.

O jogo de cartas originou-se tambem na China, antes da Idade Média, e as loterias eram divertimentos favoritos no Império Romano.

Pelo que vemos, o jogo como passatempo não é problema dos tempos modernos, mas há três mil anos, já, vem acompanhando a humanidade, dando a esta resultados desastrosos, em todos os seus aspectos."

Outro escritor americano avalia em nada menos de quatro bilhões de dólares, o dinheiro empregado anualmente na jogatina, cuja importância em nossa moeda, ao câmbio atual, representa setenta e seis milhões de contos de réis!

Isso nos leva a concluir que o jogo é desperdício.

Alem de ser desperdício, o jogo produz a **deshonestidade.**

A procura de algo pela sorte, o que representa perda para outrem, implica no desrespeito aos seus direitos.

Recentemente, foram condenados dezoito homens, nos Estados Unidos, porque roubaram dois milhões de dólares (trinta e oito mil contos de réis) do povo, em loterias falsificadas.

Numa semana, o Departamento dos Correios dos Estados Unidos remeteu 450 avisos de prisão a fraudulentos operadores de loterias.

Ainda mais — **o jogo leva ao crime.**

Um famoso Capitão da polícia de Nova York disse que, se a polícia quisesse, e se cada uma de suas autoridades cumprisse com o seu dever, todas as casas de jogatina de Nova York poderiam ser fechadas em vinte e quatro horas.

O jogo leva o homem ao crime. Até em Monte Carlo mostra-se essa tendência. Dentro de seus limites, Monte Carlo proibe qualquer jogatina particular. A jogatina alí é legal somente para os estrangeiros.

Publicado pelas

Junta Geral de Ação Social

e *Junta Geral de Educação Cristã*

da Igreja Metodista do Brasil

Folheto N — JGEC — JGAS
9/42 — 20M.

Podem-se obter exemplares deste folheto, à razão de 5$000 o cento, dirigindo-se os pedidos à

Junta Geral de Educação Cristã

Caixa Postal 2009 —— São Paulo

A Honorina!

Deixo aqui uma recordação de nossas conversas mas as conversas estas que muitas vêzes muito me deixaram feliz, espero sob ano que vinha ter as tuas cartas de mi e me escreveres.

Desejo-te felicidades

Renato Mani. Wolf Malsch

Bastante apropriadas e expressivas são as palavras, sempre lembradas, do grande escritor e erudito mestre liberal, dr. Rui Barbosa, que disse:

"...De todas as desgraças que penetram no homem pela algibeira, e arruinam o caráter pela fortuna, a mais grave, sem dúvida nenhuma, essa: o jogo — o jogo, na sua acepção usual, o jogo, propriamente dito; em uma palavra, o jogo: os naipes, os dados, a mesa verde.

Esse mal, que muitas vezes não se separa do lupanar senão pelo tabique divisório entre a sala e a alcova; essa fatalidade, que rouba, ao estudo, tantos talentos; à indústria, tantas forças; à probidade, tantos caracteres; ao dever doméstico, tantas virtudes; à pátria, tantos heroismos, — reina, sob a sua manifestação completa, em esconderijos onde a palavra se abastarda no calão; onde a personalidade humana se despe do seu pudor; onde a embriaguez da cobiça delira cínica e obcena; onde os maridos blasfemam pragas improferiveis contra a sua honra conjugal; onde, em uma comunhão odiosa, se contraem amizades inverossimeis; onde o menos que se gasta é o equilíbrio da alma; o menos que arruina é o ideal; o menos que se dissipa é o tempo, — estofo precioso de todas as obras primas, de todas as ações grandes.

Permanente como as grandes endemias, que devastam a humanidade, universal como o vício,

furtivo como o crime, solapador no seu contágio como as invasões purulentas, corruptor de todos os estímulos morais como o álcool, ele zomba da decência, das leis e da polícia, abarca no domínio das suas emanações a sociedade inteira, nivela sob a sua deprimente igualdade todas as classes, mergulha na sua promiscuidade indiferente até os mais baixos volutabros do lixo social, alcança no requinte das suas seduções as alturas mais aristocráticas da inteligência, da riqueza, da autoridade; inutiliza gênios; degrada princípios; emudece oradores; atira à luta política almas azedadas pelo calistismo habitual das paradas infelizes, à família corações degenerados pelo contacto quotidiano de todas as impurezas, à concorrência do trabalho diurno os náufragos das noites tempestuosas do azar, e não raro a violência das indignações furiosas, que vem estuar no recinto dos parlamentos, é apenas a ressaca das agitações e dos destroços das longas madrugadas do cassino."

Somente as palavras acima transcritas bastariam para pôr em relevo o que é o jogo e a que estado chega o indivíduo que se deixa por ele dominar.

Entretanto, outras pessoas têm-se referido a esse vício, com palavras enérgicas, atacando-o pela imprensa secular e religiosa, por meio de publicações em folhetos, em conferências e estudos vários. São as autoridades e o próprio povo, pelos seus elementos de projeção na vida pública, que o condenam tenazmente.

O "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, em um dos seus números de 1938, publicou um expressivo artigo redatorial contra a existência dos cassinos e os males que o jogo tem alastrado no meio da sociedade. Pedimos vênia para transcrever alguns trechos incisivos do referido artigo:

"E' preciso fazer uma espécie de pousada nessa trajetória alucinante, relanceando os olhos atrás, a-fim-de que se veja quanto já foi destruido no sorvedouro da jogatina. Antes de tudo, é preciso que cada um faça recapitulação dos desatinos praticados depois que os cassinos se abriram convidativos, pelas fascinações de seu luxo e pela liberalidade dos seus costumes, a fraqueza ou à inadvertência dos que não souberam, em tempo, refletir.

No jogo do bicho, o pobre do operário perde pequenas quantias na ilusão mórbida de que a sorte lhe restitua multiplicadamente, de uma só vez, somas que se destinariam a suprir, ao acaso, às deficiências de sua pobreza. A pobreza não é opróbrio; o vício o é. O vício destrói as resistências morais que douram a pobreza, dando-lhes halos de um sacrifício que toca a Deus, depois de comover o coração dos homens.

Nos cassinos perde-se o dinheiro e se dissolve, como sob a ação violenta do vitríolo, todas as reservas morais do ser. E' o ambiente da licenciosidade absoluta, onde a menina incauta e pudica, por uma triste inadvertência própria, ou dos pais, da qual poderão advir os peores resultados, se acotovela com gente de todos os estofos ou desniveis morais. E' o ambiente em que se nivelam velhos e adolescentes, atingida a vergonha de ambos na mesma extensão e profundeza. E' o ambiente de fusão das classes sociais, para a debacle comum. Melhor define essa realidade atordoante, como expressão que tem o sentido de estigma, o fato de querermos manter instituições de amparo social com a renda colhida nas fontes mais impuras do vício, de tal modo que os cassinos já chegam a afixar, nas suas fachadas, placas que equiparam uma casa de jogo a um hospital, um abrigo de menores a um centro de tavolagem e de perdição! E' necessário um paradeiro a esse mal que não pode deixar de inquietar aos que querem o aperfeiçoamento moral da sociedade brasileira."

Mas, a condenação aos cassinos e aos males que eles causam não termina aí. A experiência dos homens que lidam nas várias atividades da

vida hodierna e que estudam as causas da existência de tantos problemas financeiros, vêem nessas casas onde o jogo se apresenta sob as mais diversas formas, um perigo iminente a enfrentar a sociedade.

O Presidente do Conselho Fiscal do Instituto dos Industriários, em entrevista concedida ao "Diário de Notícias", do Rio de Janeiro, em 25-5-1940, e da qual pedimos licença para transcrever alguns trechos, diz o seguinte sobre os cassinos:

"As maiores vítimas dos cassinos são os funcionários públicos e os empregados no comércio. O regime de consignações em que vivem muitos servidores da União e do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, encontra sua explicação no jogo. Com vencimentos que, em via de regra, só lhes dão para as despesas mais necessárias, os funcionários públicos e os empregados no comércio se encontram, quasi sempre, por efeito do jogo, com o orçamento desequilibrado, e daí o recurso ao empréstimo pelo processo de consignações em folha. Felizmente, o governo já regulou, convenientemente, esta matéria, de modo a evitar os excessos e a acautelar a situação dos servidores públicos.

Sou pela repressão ao jogo. Mas pela repressão total, numa campanha enérgica e decisiva contra todas as modalidades: os naipes, os dados, a mesa verde, o bicho. Sim, porque não é justo que se persigam os bicheiros, ou que se fechem as casas de tavolagem, e se permita que os cassinos funcionem à vontade. O cancro deve ser estirpado por um processo operatório radical. E o operador que tal fizer, prestará à sociedade um benefício inestimavel."

Essas são as palavras com que os nossos patrícios se referem ao jogo.

Entretanto, como sabemos, o jogo não é um problema local somente. Não é deste ou daquele povo, desta ou daquela região. Bem verdade é que há lugares cuja celebridade vem pelo jogo.